

1. O De Magistro de Santo Agostinho.

1.1

Introdução

*Quid tibi videmur efficere velle cum loquimur?*¹ Com essa pergunta Agostinho principia seu celebre diálogo intitulado *De Magistro* onde, juntamente com seu filho Adeodato, perscruta a problemática da comunicação, ou melhor, a finalidade da fala. O livro *De Magistro* se afigura não somente no interior da história da filosofia, como também na história da lingüística como uma obra de fundamental relevância ao menos no que concerne a sua originalidade. A brevidade do diálogo constitui em comparação com uma obra filosófico-teológica vasta e variada, um importante alicerce para a edificação da doutrina posterior de Agostinho. Algumas de suas intuições mais fundamentais, tais como, por exemplo: o “*mestre interior*”, irá reaparecer repetidas vezes no percurso de suas obras. Além disso, o livro provocou um fascínio e forte influência em pensadores posteriores. Dentre esses admiradores destacamos Santo Tomás de Aquino que trabalhou especialmente o tema em uma das Questões Disputadas, mais especificamente a questão 11 das *Quaestiones Disputatae de Veritate*.²

Convém, agora, recordarmos as circunstâncias em que o livro foi composto. Após o recebimento do sacramento do batismo, Agostinho decide voltar para sua terra natal, Tagaste, na companhia de alguns amigos para se dedicar ao serviço de Deus. Como salienta Possídio seu biógrafo e amigo:

¹ Que te parece que pretendemos fazer quando falamos?

² AQUINO, Tomás. **Sobre o Ensino (De Magistro) Os Sete Pecados Capitais**. Trad. Luiz Jean Lauand. SP: Martins Fontes, 2001.

Tendo recebido a graça do batismo, aprouve-lhe voltar a sua casa e a seus campos na África, com alguns de seus amigos e concidadãos, igualmente servos de Deus. Ali ficou por quase três anos. Renunciando a suas propriedades, porém, com seus amigos vivia para Deus em jejuns, orações e boas obras, meditando dia e noite na lei do Senhor (Cf. SI 1,2). Transmitia aos outros, presentes e ausentes, por meio de palavras e livros, o que Deus lhe dava a conhecer refletia e orava.³

Foi esse o lugar onde se deu a gênese do *De Magistro*. Sem dúvida, o tempo em Tagaste foi um tempo de “*ebulição intelectual*”. Vários outros livros foram escritos: *De Genesi contra Manichaeos*, *De musica* e *De vera Religione*. **CAPÁNAGA** sintetiza muito bem esse período em sua introdução ao *De Magistro*:

Fueron tiempos de grande ebullición intelectual, em que buscaba el gran pensador armonizar las conquistas de la nueva fé com los tesoros de la antigua sabiduría.⁴

Era esse o ambiente, entre 388 e 391 em que se deu o diálogo de Santo Agostinho com seu filho Adeodato. Agostinho em suas *Retractaciones* nos introduz no diálogo com as seguintes palavras:

Na mesma época, escrevi o livro *De Magistro*, no qual se discute, se investiga Deus, segundo está escrito no Evangelho: um só é o vosso mestre, Cristo (Mt 23,8)⁵.

Apesar de o livro ter sido escrito após a morte de Adeodato, que contava na época em que ocorreu o diálogo com apenas dezesseis anos, Agostinho pretendia guardar no livro a memória de seu tão brilhante filho. Nesse sentido, além de uma investigação filosófica propriamente dita, o livro aborda um lado afetivo de santo Agostinho, ou seja, o lado paterno, educador. Agostinho tem em mira a educação de seu filho. Sua preocupação com a formação de Adeodato é algo importante no interior do diálogo. Ainda temos uma outra referência ao *De Magistro* nas próprias Confissões de Agostinho onde também descreve a capacidade de seu filho:

Juntamos também a nós Adeodato, o filho carnal do meu pecado, a quem tínheis dotado de grandes qualidades. Com quinze anos incompletos ultrapassava já em talento a muitos homens doutos e idosos. (...) Há um livro meu que se intitula *De*

³ POSSIDIUS, **Vita Augustini**. Trad. Monjas Beneditinas. SP: Paulus. 1997. P. 39.

⁴ AGOSTINHO, **El Maestro**. Trad. Manuel Martínez. BAC, Vindaeonae: 1961 p.573

⁵ AGOSTINHO, **Retractationes** 1,12, Patrologia Latina 32, 602.

Magistro, onde dialoga comigo. Sabeis que todas as opiniões que aí se inserem, são atribuídas ao meu interlocutor, eram as dele quando tinha dezesseis anos. Notei nele coisas ainda mais prodigiosas.⁶

Agostinho se espanta com a aguda inteligência de seu filho: “*Aquele talento causava-me calafrios de admiração...*”⁷. Assim, a preocupação com a educação de seu filho justifica-se frente ao talento precoce de seu pupilo. Agostinho põe em prática nesse diálogo toda sua experiência adquirida como professor de gramática em Roma. Seu interlocutor como podemos notar através dos depoimentos de Agostinho, carece, desde já, de uma orientação eficaz para os estudos. Apesar da *mens* privilegiada de Adeodato, vale dizer, em todo o diálogo, notamos que Adeodato tem uma participação restrita, isto é, apenas como figurante, um figurante pertinente, mas a maior parte das conclusões é de Agostinho; temos de admitir esse dado mesmo contrariando o testemunho do Santo exposto acima, isto é, estamos preparados, ao adentrarmos no estudo do *De Magistro* a receber ensinamentos do próprio Agostinho.

Como salientamos, a pouco, o tratado prima pela originalidade no que concerne à literatura filosófica e teológica da época em que santo Agostinho está inscrito; nesse particular todos os comentadores são unânimes. Existiam outros trabalhos semelhantes, anterior a de Agostinho, que trabalhavam a questão de métodos pedagógicos: Clemente de Alexandria, dentre outros, desenvolve em seu *Paidagogos*⁸, a exposição de um *compendious* sobre como deveria ser o processo educacional do neocristão. O próprio Agostinho no *De Catechizandis Rudibus* e num de seus estudos mais profundos acerca da linguagem o *De Doctrina Christiana*, pretende apresentar práticas pedagógicas semelhantes. Mas, dentre todos esses trabalhos, o *De Magistro* ataca um problema filosófico que se situa no alicerce de toda educação, ou melhor, de todo relacionamento verbal. Como o ensinamento é possível? Uma outra pergunta se coloca ainda mais fundamental: Como realmente as idéias de um homem podem reproduzir-se na mente de outro?

⁶ Conf. IX, n. 14

⁷ *Ibid.*

⁸ Como estaca Etienne Gilson acerca da obra: “Compreende três livros e foi redigido entre 200 e 202. Dirige-se aos que atenderam à sua exortação e se converteram ao cristianismo. O primeiro livro intenta orientá-los para Cristo, o mestre da vida nova. Os dois últimos contêm diretivas para a vida cotidiana do cristão.” GILSON, Etienne e BOEHNER. **História da Filosofia Cristã**. Trad. Raimundo Vier. Petrópolis. Ed.: Vozes: 1995, pag.71.

Apesar de toda sua originalidade e importância, o diálogo, em contrapartida, é um diálogo difícil. Um primeiro elemento nos dificulta a compreensão do texto em suas nuances, isto é, a distância temporal, nada menos que dezesseis séculos nos separam deste texto; as dificuldades, sem dúvida, aumentam diante de tal fato. Um outro elemento se situa na própria genialidade de santo Agostinho que soube, como nenhum outro, trabalhar habilmente com suas fontes e com a língua latina. Convém dizer, pois tocamos na questão das fontes nas quais Agostinho se nutriu e sua formidável habilidade em tratar destas, que o *De Magistro* se situa na fase inicial de toda a jornada do pensamento agostiniano, carregando em seu interior forte influência da doutrinas pagãs, não por culpa de Agostinho, mas devido ao fato de, como recém convertido, seu conhecimento da própria religião de recém professo ainda não é profundo. Além disso, Agostinho nunca deixou de lado seu fascínio pelos pensadores antigos, ao contrário, a filosofia antiga contribuiu em muito para a doutrina do Santo. Como nos diz o **P. José Morán**, a título de exemplo, a respeito da influência platônica em Agostinho: “*El platonismo había ejercido en toda esta trayectoria un papel decisivo, mostrándole el mundo interior y el inteligible, como roca firme y segura.*”⁹ Os comentadores de Agostinho são unânimes em destacar a influência de Platão no pensamento agostiniano. A própria estrutura do *De Magistro* é semelhante à estrutura do diálogo socrático-platônico. **CAPÁNAGA** nos oferece um conceito claro: “*Em este diálogo De Magistro cristianizo la pedagogia grega dando a Cristo lo que debe dársele.*”¹⁰.

A influência platônica no pensamento do Bispo de Hipona é, sem dúvida, algo que não pode ser deixado de lado em qualquer pesquisa. Mas destacaremos primordialmente a questão que mais influenciou Agostinho no enredo do *De Magistro*, a *anamnesis* platônica exposta no famoso diálogo: *Mênon*. Alguns problemas serão levantados, pois essa doutrina pagã entra em choque direto com a doutrina cristã, apesar de num primeiro momento parecerem complementares. Um dos problemas inerentes nessa doutrina consiste na questão do *inatismo*. A nossa pergunta principal é: como Agostinho opera essa cristianização da *anamnesis*? E

⁹ MORÁN, P. José O.S.A., **La Teoría Del Conocimiento en San Agustín, Enchiridion Sistemático De Su Doctrina**. Valladolid: 1961 Archivo Agustiniano. P.12

¹⁰ AGOSTINHO, **El Maestro**. Trad. Manuel Martínez. BAC, Vindae: 1961 p.573

quanto à questão do inatismo: será que a interioridade, conceito utilizado por Agostinho e o inatismo de Platão possuem o mesmo valor? Essas perguntas abrem uma problemática que norteará nosso trabalho. Ademais dessa influência, pretendemos expor a influência estóica em Agostinho, pois ao cunhar seu conceito de *signo* como possuindo valor apenas de admoestador, encontramos uma forte influência da concepção estóica de *signo*. Pretendemos também mensurar essa influência, pois sem dúvida, como mestre de retórica em Roma, Agostinho apreendeu esses conceitos estóicos. Veremos em que ponto essa doutrina possui um valor no pensamento do Santo, e de como esta foi importante em sua refutação da eficiência do ensino por meio dos *signos*.

O leitor atento encontra na leitura do *De Magistro* prazer intelectual e, além disso, pode constatar a vasta cultura do Santo sem interesse de expor de forma sistemática seu pensamento. Quem procura no *De Magistro* uma doutrina filosófica, ordenada enquanto sistema de exposição das idéias, tal como encontramos nos Escolásticos, encontrará, ao contrário, um Agostinho mais pessoal e livre no expor. Nos Escolásticos, em geral, fazendo uma analogia, a composição do pensamento se processa tal como realizado por um arquiteto: construíam torres e monumentos de pensamento com pedras talhadas com esmero e perfeição, tudo ocupando seu respectivo lugar na construção. Além disso, as fontes de onde se retiravam as pedras eram provadas. A característica principal de sua construção se pauta pela orgânica harmonia da exposição do pensamento. Agostinho era mais explorador, tal como sua concepção de filosofia. Em consequência disto, não encontramos nele uma precisão ordenada no expor.

Há outras dificuldades especiais no *De Magistro*. O diálogo possui o caráter espontâneo, gratuito e irregular; nós geralmente não falamos como pensamos. Interrompemos nossos pensamentos, repetimos, nos corrigimos – e todos estes fenômenos não aparecem no *De Magistro*. Além disso, com a intenção de treinar e afiar Adeodato Agostinho, se assim podemos dizer, o “torce” freqüentemente e o engana. Tais peculiaridades não ajudam o leitor, nem tampouco contribuem para uma análise precisa de um especialista, tendo em vista que Agostinho processa seu argumento dialeticamente. Como salientamos, essa dialética do ponto de vista

estrutural se assemelha muito com a “dialética platônica”. Apesar de seu estado de desordem aparente na estrutura, o livro não é descuidado; é profundo e eminentemente provocativo. Sua obscuridade demanda uma leitura cuidadosa para que o pensamento exposto fique claro.

1.2

Sumário do Livro

Nosso intuito em propor esse sumário consiste, não num ordenamento sistemático da obra, pois contraria a própria natureza desta. Pretendemos, ao contrário, proporcionar uma visão mais ampla de alguns pontos importantes, que não podem ser omitidos do diálogo. Devido à concisão, não é seguida a ordem exata da composição, nem aderimos à divisão por capítulos proposta por algumas traduções, dentre essas, como por exemplo, a tradução de **Ângelo Ricci**¹¹. Dispomo-nos somente, vale reiterar, a esboçar o desenvolvimento e classificar os argumentos, facilitando com isso a leitura do sumário.

O Propósito da Fala

O diálogo tem início com a pergunta proferida por Agostinho a Adeodato sobre a finalidade da fala, consistindo a resposta dada pelo filho em uma dupla finalidade: *aut docere aut discere* (ensinar ou aprender). Agostinho insiste que a finalidade da fala apenas siga um único propósito: *aut docere* (ensinar), justifica sua tese, pois mesmo quem pergunta ensina algo, ao menos, o objeto de sua dúvida. Mas Adeodato aparece com um contra-argumento, cantar – seguramente as palavras

¹¹ AGOSTINHO, Santo. De Magistro. Trad. Ângelo Ricci. Rio Grande do Sul: Ed. Universidade do Rio Grande do Sul, 1956.

usadas numa canção servem apenas para o deleite e prazer, não para ensinar! Sábio contra-argumento, mas Agostinho mostra que mesmo o cantar é, pelo menos, um tipo de “recordação” – esse conceito da *commemoratio* será de suma importância no interior da pesquisa, trataremos amiúde do tema em tempo propício. Agostinho aponta já ao início do diálogo para o fim no qual pretende chegar: “...Há, todavia, creio, certa maneira de ensinar pela recordação, maneira sem dúvida muito valiosa, como se demonstrará nesta nossa conversação ...”¹²

Estas palavras, sem dúvida, recorrem à convicção platônica do Bispo, que se mostrará em sua plenitude no desenrolar do diálogo, isto é, o ensino consiste em chamar a atenção, ou melhor, admoestar a atenção do discípulo para a busca do conhecimento que já está dado em seu interior. Mas, por causa da discussão, concede, por enquanto, que a comunicação pode servir dois propósitos: transferindo idéias (“ensinando”) e lembrando alguém de conhecimento que ele já possui.

Comunicação Sem Sinais (Signos)?

É admitido por tudo aquilo que se formula, como gestos, por exemplo, que são símbolos ou sinais. Agostinho não demarca bem a diferença existente entre símbolos e signos, os símbolos seriam signos no sentido pleno do termo tais como as insígnias, por exemplo: as bandeiras militares. Enquanto isso sua definição de signo, enquanto sinal, representa tudo aquilo que é passível de significação. Assim, o sinal, signo, em oposição ao símbolo constitui-se um conceito mais amplo. Mas nós não podemos expressar alguma coisa sem o emprego de qualquer signo? Por exemplo, se alguém me pergunta o que é o caminhar eu não posso responder levantando e caminhando? Assim com parado, sentando e atos semelhantes? Há uma dificuldade: nós não podemos expressar a idéia claramente por estas ações. Se o questionador não souber o que é caminhar, o interrogado poderá incorrer em equívoco facilmente, devido às peculiaridades inerentes próprias do ato de caminhar – os acidentes – não

¹² D. M. I: “... At ego puto esse quoddam genus docendi per commemorationem magnum sane, quod in nostra hac sermocinatione res ipsa indicat.”

podendo ser ensinada a essência do ato se aquele que pergunta não possui um conhecimento prévio.

Então, Agostinho e Adeodato chegam a esta conclusão provisória: é impossível mostrar uma coisa sem um signo pelo menos quando ao se perguntar acerca do significado. Mas se não executando a ação em tempo hábil, nós não podemos responder a um pedido pelo significado, quando desempenho a ação, sem outros signos. Isto parece não se aplicar à fala, pois, enquanto falamos, e somos perguntados o que é a fala, nós só podemos responder dando prosseguimento à ação do falar. Nessa altura do diálogo admite o santo que algumas coisas podem ser indicadas, sem símbolos, a fala, por exemplo, consistindo na única exceção¹³.

Nós não podemos argumentar ou discutir se, ouvindo estas palavras, no momento exato em que são proferidas, não buscarmos em nossas mentes as coisas de que essas as palavras são signos. Sendo impossível por meio do debate ensinar o que a palavra significa é necessária a apresentação desta coisa significada, em sua realidade objetiva.

Adeodato propõe que nós não podemos responder perguntas excluídas por esses objetos que são significados pelas palavras. Seu pai conta o caráter fictício que admitiu a um brincalhão onde as coisas das quais nós falamos saem de nossas bocas, e então quando é mencionado, por exemplo, o signo leão, foi ridicularizado e acusado pelo outro de ter vomitado uma besta selvagem. O jovem Adeodato não concede isso, tentando escapar do impasse, de que, quando nós falamos, somente saem de nossa boca os signos das coisas não propriamente a coisa significada por estes signos.

Agostinho pergunta para Adeodato se ele é homem (*homo*), este responde afirmativamente, em princípio, entretanto, admite, na análise da frase (“*utrum homo homo est*” – se homem é homem) que aquele *homo* é apenas nome, caindo na armadilha de não ser homem, no sentido do animal, mas apenas um nome. Quando responde que aquele *homo* é só um nome, também está enganado. Então, Agostinho explica que é natural à mente não só pensar na palavra, quando aquela é mencionada,

¹³ DM, VIII.

mas na coisa que a palavra significa – e isso até mesmo é verdade quando pretendemos firmar nossa atenção no símbolo expressado.¹⁴

A primeira proposição.

Depois da reflexão, Adeodato aceita o mesmo que antes tinha assentido, isto é, a fala é um ato que não pode ser ensinado, ao contrário, deve ser executado. Falar parece a ele o único ato que pode ser expresso por meio de sua própria execução, sem o recurso de outros signos¹⁵. Nada pode ser ensinado claramente sem palavras. Agostinho mostra que nem mesmo o ensinar e o aprender podem ser indicados pela mera performance desses, mas só por alguma expressão. O que é falar? Nós só podemos indicar a resposta falando. Nós só podemos ensinar falando – quer dizer, enquanto expressamos algo. Mas desde que expressamos pela fala todas as coisas e também ela mesma – falando nós contamos o que é um rio, o que é a virtude, e o que é a fala, um desses signos que também se indicam, junto com outras coisas. Semelhante a isso, o ensinamento pertence àquela classe, pois ensinando mostramos todas as outras coisas e também o que seja o próprio ensinar.

Porém, ensinar não é igual a significar, já que nós significamos para ensinar, o signo é o meio e o ensinar o fim; e o meio e o fim devem ser distintos. Mais adiante, Agostinho discute, por exemplo, se para a pessoa ensinar o que é ensinar, ela tem que fazer isto significando, através de signos.

...nada que se possa ensinar sem signo, excluindo, talvez, o próprio falar e o ensinar, mas este só quando alguém pergunta o que é ensinar. Pois vejo que quem pergunta – faça eu o que fizer após a sua interrogação para que aprenda – não o pode aprender pela própria coisa, que deseja lhe seja mostrada....¹⁶

Esta, então, é a primeira conclusão do *De Magistro*, mesmo que previamente declarada e, agora, declarada definitivamente: nada do que é passível de ser chamado,

¹⁴ DM VIII, n.24.

¹⁵ DM, C. III, n. 06 e C. VII, n. 19.

¹⁶ DM, C.X n. 29.

ou melhor, daquilo que podemos expressar, pode ser feito sem o emprego de palavras ou signos.

Mas logo após chegar a esta conclusão, Agostinho a põe em dúvida, propondo um exemplo. Se encontrássemos um caçador munido de armas para capturar pássaros, não caçando, mas sim, caminhado. Suponha que, desejando saber qual o objetivo daquele caçador de aves, por mera curiosidade, o acompanhássemos e o observássemos. Se o caçador de ave decide dar uma demonstração usando seus equipamentos e seu falcão para enganar e capturar um pássaro, não utilizando meios de qualquer expressão, não nos ensinaria algo este ato? Adeodato objeta, recordando as dificuldades inerentes à questão, já discutida anteriormente, sobre o caminhar temendo que a essência da coisa seja mostrada distinta dos acidentes. Se o espectador é inteligente o bastante para entender o que vê, o todo daquela arte, apreende daquele mero ato, e não de qualquer símbolo. Mas se o espectador é assim tão inteligente, não pode ele também discernir o que é caminhar, uma vez que ele viu alguns passos? Agostinho reconhece isto, e assim, é forçado a admitir uma exceção em sua própria regra: se o observador é suficientemente inteligente, um exemplo particular é bastante para o fazer entender o conceito contido no ato, mas desde que todos os seres humanos dotados de razão sejam por essa medida capazes de efetuar o mesmo ato.

Comunicação por meio de palavras?

Se considerarmos o assunto cuidadosamente, parece que nada pode ser aprendido através de signos. Se um signo é apresentado a mim e eu já o conheço, nada novo me é ensinado. E se eu não o conheço, eis o ponto, como pode haver ensinamento? Seguramente nós aprendemos o signo depois de termos o conhecimento da coisa, em lugar de aprender a coisa quando seu signo é apresentado.

O valor das palavras, então, é isto e nada mais: elas não nos mostram as coisas de modo a possibilitar o nosso aprendizado, mas elas advertem ou nos lembram que busquemos a realidade. Nesse ponto, Agostinho se valerá da influência do pensamento platônico, por exemplo, no **Mênon**, isto é, da questão da reminiscência – aprendizagem por meio da recordação, dito em grosso modo – esse ponto será

desenvolvido mais adiante na questão das fontes pagãs no pensamento do Bispo de Hipona.

Função do mestre humano

Os professores humanos professam transmitir seus próprios pensamentos para seus discípulos, mas será isto verdadeiro? Ou o que fazem é acreditar que os assuntos que eles expõem sejam percebidos e absorvidos pelos alunos? Quem seria tolo o bastante enviando seu filho para uma escola, acreditando, que este aprenda o que o mestre pensa? A verdade é que, quando são expressos todos esses assuntos que os professores reivindicam estar transmitindo por meio de palavras, os estudantes por outro lado estão se esforçando em confirmar estas naquela verdade dada em seu interior. E o que eles julgam encontrar lá fora está dentro deles mesmos consistindo no trabalho do discípulo conferir, na interioridade, se o que foi dito é verdade. Assim é que os discípulos “aprendem” e, quando acham que as declarações dos mestres são verdadeiras, elogiam, enquanto não sabem o que estão elogiando, pois os discípulos são tão professores quanto os próprios, mesmo desconhecendo esse fato. Os homens estão errados concedendo o nome de “professor” a esses que não são professores. Eles cometem erro porque geralmente entre o tempo de falar e o tempo de pensar não há nenhum intervalo de demora; e porque eles aprendem em seu interior, imediatamente, após a advertência exterior do mestre, julgando, com isso terem aprendido por meio deste.

Conclusão: Uma pedagogia da interioridade

Assim, destacamos a título de conclusão, que não deveríamos acreditar que se deve chamar algum homem na terra de mestre, mas também devemos, em conformidade com a tese de Agostinho, começar a compreender que a verdade já está implantada em nosso interior, bastando somente a nós consultarmos essa verdade. Agostinho pergunta para Adeodato, com a finalidade deste explicar sobre tudo aquilo

que tinha sido dito, e, ao mesmo tempo, conferir se seu filho aprendeu corretamente do professor interior. Adeodato, entusiasmado, diz o que entendeu:

...Eu, na verdade, pela admoestação das tuas palavras aprendi que estas não servem senão para estimular o homem a aprender, e que é já grande coisa se, através das palavras, transparece um pouquinho do pensamento de quem fala. Se, depois, foi dita a verdade, isto no-lo pode ensinar somente Aquele que falando por fora, avisa que habita dentro de nós¹⁷

1.3

Esboço Esquemático

Pretendemos nesse esboço sintetizar os pontos tratados no item anterior em paridade com a composição tradicional do *De Magistro*.

Capítulos Introdução:

- | | |
|---|---|
| 1 | A. propósito de fala: ensinar ou lembrar. |
| 2 | B. Palavras como Signos. |

Primeira proposição (status provisório):

- | | |
|---|---|
| 3 | Nada pode ser mostrado sem um sinal, se nós estamos executando o ato sobre qual pergunta. |
|---|---|

Parênteses¹⁸:

- | | |
|-----|------------------------------------|
| 4-7 | A. A natureza recíproca de sinais. |
|-----|------------------------------------|

¹⁷ DM XVI: "...Ego vero didici, admonitione verborum tuorum, nihil aliud verbis quam admoneri hominem ut discat, et perparum esse quod per locutionem aliquanta cogitatio loquentis apparet: utrum autem vera dicantur, eum docere solum que se intus habitare, cum loqueretur, admonuit...."

¹⁸ Utilizamos esse termo para tentar sintetizar o movimento textual de Agostinho. Sua investigação na primeira proposição possui um status provisório, nesse sentido o parêntese consiste na evolução do argumento até chegar a confirmação da primeira proposição.

- 8 B. Necessidade de refletir sobre a coisa significada.
 9 C. O conhecimento das coisas é mais importante que os signos.

Primeira proposição: (declaração definitiva).

- 10 Não há nenhuma comunicação de idéias e juízos sem signos.

Exceção:

- 10 As essências de certos fenômenos naturais, e de ações em espetáculos teatrais podem ser conhecidas sem signos intencionais (palavras), em proporção, à inteligência do espectador.

Segunda Proposição:

- 12 As palavras não introduzem verdades novas em nossas mentes - i. e., nem; mesmo com palavras ensinamos.
 11-13 Função das palavras: nos advertem a buscar a verdade dentro de nós.

Conclusão:

- 11-14 Homens não são dignos de se denominarem professor. Cristo é o único professor dos homens. O conhecimento verdadeiro vem do “mestre interior”, as palavras externas só nos fazem buscar a fonte da verdade dentro de nós.